

Efeitos do Contexto de Prática sobre a Orientação Motivacional e as Atitudes face à Prática Desportiva de Jogadores de Futebol dos 14-16 anos

Autores

Márcio Luis Pinto Domingues¹; Carlos Gonçalves²

marcio.domingues@live.com.pt

Resumo

Os jovens diferem nas suas concepções de habilidade e critérios de sucesso e no sentido que conferem a estes conceitos. O propósito do estudo foi caracterizar os ambientes de clubes com diferentes objectivos de resultados na óptica dos seus treinadores e analisar os efeitos do clima sobre as variáveis desportivismo e orientação para a realização de objectivos. Pretendemos examinar a variação de resultados associados ao ambiente de treino relativamente às variáveis latentes resultantes do TEOSQ e SAQ. A amostra é constituída por: (a) 6 treinadores de 2 clubes de Futebol, um deles de elite e o outro de carácter local; (b) jogadores de futebol (n=132), com idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos de idade de dois clubes sujeitos a análise. Foram realizadas entrevistas aos treinadores e os atletas preencheram as versões portuguesas do Sport Attitudes Questionnaire/SAQ e do Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire/TEOSQ. Foi analisada também a mobilidade dos jogadores e o seu registo disciplinar em competição. Os resultados apontam para a diferença de objectivos na óptica dos treinadores e para a existência de efeitos do ambiente sobre as variáveis dependentes.

Palavras-chave: jovens, contexto, orientação para a realização de objectivos, atitudes

¹ CPES - Centro Pesquisa Estudos Sociais. ULHT

² CIDAF - UC

INTRODUÇÃO

Os últimos dados de 2008 referem a existência em Portugal de um aumento de jovens inscritos em federações desportivas com predomínio claro para os rapazes. Cada vez mais as organizações desportivas encerram a formação numa lógica de plano de carreira de via profissionalizante à escala global. Assim sendo, esta tendência contemporânea para a preparação desportiva com objectivos do alto rendimento reflecte práticas profissionais na comercialização da matéria-prima do desporto ([Coakley & Hughes, 1984](#)).

A orientação para a realização de objectivos assenta na avaliação disposicional e no significado situacional que essa experiência tem para o sujeito. É esse o entendimento subjacente ao modelo de Lee (1996). O *Sport Attitudes Questionnaire* (SAQ) tenta captar uma ambivalência acreditando-se que as atitudes, ao contrário dos valores no desporto, são situacionalmente condicionadas. Trata-se portanto, do ponto de vista teórico, de um constructo com quatro sub-escalas que se revela sensível ao ambiente de prática, que anteriormente reconhecemos estar a ser alvo de profundas mudanças.

O questionário tem 23 itens e apresenta uma estrutura de quatro factores, sendo dois considerados socialmente positivos (*Empenhamento* e *Convenção*) e dois socialmente negativos (*Batota* e *Anti-desportivismo*). A tradução e validação para Português do SAQ, revelou a consistência psicométrica do instrumento (Gonçalves, et al., 2006).

Por sua vez, o Questionário do Desporto na Orientação para o Ego ou para a Tarefa, largamente utilizado internacionalmente (Hanrahan & Biddle, 2002), consiste num instrumento que foi elaborado por Duda (1989) e Duda & Nicholls (1992) e publicado em 1992. Este questionário vem no seguimento de estudos realizados pelo próprio Nicholls ao nível académico para a criação de uma escala de orientação motivacional. Chi e Duda (1995) procuraram testar independente e simultaneamente o modelo assumido do TEOSQ. Ao nível dos contextos desportivos, Duda e Nicholls elaboraram uma versão original do TEOSQ que continha 16 itens, mas que acabou por incluir apenas 13 (Duda & Whitehead, 1998), foi modificado com 6 questões adicionais de forma a reflectir o novo construto auto referenciado da teoria para a realização de objectivos sugerido por Harwood, Hardy and Swain (2000). Assim, foi criado para avaliar as diferenças individuais quanto à orientação motivacional para a

tarefa e/ou para o ego, ao nível desportivo e traduzido e validado para Português por Fonseca & Biddle (1996).

Como amplamente referido Nicholls (1984, 1989) argumentou a existência de duas concepções de habilidade que aparecem no contexto de realização de objectivos: concepção de habilidade não diferenciada (onde o indivíduo não diferencia o esforço da habilidade) e a concepção de habilidade diferenciada (onde a habilidade e o esforço estão diferenciados). A concepção de habilidade não diferenciada é tida como uma orientação para a tarefa e a concepção de habilidade diferenciada constitui a orientação para o ego, ou seja, a habilidade é um traço estável.

O propósito do estudo foi: (i) analisar o efeito do contexto de pratica sobre as atitudes expressas pelos jogadores; (ii) analisar os efeitos dos contextos de prática sobre as orientações para a realização de objectivos. O problema que serviu de ponto de partida foi o de tentar perceber qual o efeito da ecologica de prática na orientação para a realização de objectivos e desportivismo em jovens jogadores de futebol com idades entre os 14 e os 16 anos de idade.

METODOLOGIA

Amostra

- a) Clubes - Clube de orientação profissional que milita no principal escalão nacional de futebol e um clube orientado para a formação que milita no campeonato distrital de Coimbra. Um terceiro clube de representatividade nacional que também milita no principal escalão de futebol
- b) Praticantes - 132 jogadores de futebol com idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos de idade, 85 atletas de clube de orientação profissional e 47 atletas de clube sem profissionalização

Instrumentos

- a) Questionários
 1. *Task and Ego Orientation in Sports Questionnaire/TEOSQ*, de Chi e Duda (4), traduzido e validado para Português por Fonseca e Biddle (1996). O TEOSQ tem 13 itens e revelou um modelo de dois factores, *Tarefa* e *Ego*. A escala de resposta é de Likert, de 1 a 5, em que 1 corresponde a *discordo totalmente* e 5 a *concordo totalmente*

2. *Sports Attitude Questionnaire/SAQ*, de Lee, Whitehead, Ntoumanis e Hatzigeorgiadis (2002) traduzido e validado para Português por Gonçalves et al. (2006). O SAQ tem 23 itens e revelou um modelo de quatro factores, *Convenção*, *Compromisso*, *Batota* e *Anti-desportivismo*. A escala de resposta é de Likert, de 1 a 5, em que 1 corresponde a *discordo totalmente* e 5 a *concordo totalmente*

Procedimentos

Foi recolhida informação sobre a mobilidade inter-clubes dos jogadores na etapa correspondente aos escalões de sub-14 e sub-16. Avaliou-se a respectiva mobilidade correspondente tanto no clube de orientação profissional como no clube de dimensão regional.

Os dados foram recolhidos após a aprovação por escrito dos pais para a administração dos questionários relativos ao estudo. Os jovens foram também informados previamente do estudo em causa e dos procedimentos a ter em conta. Os inquéritos foram administrados em sala própria no centro de treino dos respectivos clubes e demoraram sensivelmente trinta minutos a serem preenchidos.

Análise de dados

Foram utilizadas estatística descritiva e t-teste (teste paramétrico) para analisar os efeitos do contexto de clube sobre os itens do TEOSQ e SAQ. Para testar os efeitos do contexto de clube sobre as dimensões dos instrumentos como variáveis dependentes, foi utilizada a técnica ANOVA.

Para o tratamento dos dados foi utilizado o programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 15.0.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização da mobilidade

O clube de elite apresenta uma rede de prospecção nacional apesar de claramente se evidenciar uma maior capacidade de recrutar atletas numa dimensão regional, o que em certa medida é um paradoxo em relação à estrutura de *scouting* que estes clubes evidenciam. Provavelmente é resultado de redimensionamento da formação e da própria estrutura formativa do clube.

Ao contrário da mobilidade ascendente do clube de elite acima esquematizado, verificou-se uma mobilidade descendente no clube de tendências claramente orientadas para a formação. Esta mobilidade quantificada representa sensivelmente 44% de jogadores. Cruzando os dados entre os dois clubes e apesar dos grupos na sua representação, na amostra, não se assemelham em número, o clube de elite apresenta 21% dos jogadores provenientes da ascensão natural de escalão contra 27% do clube de pendor claramente formativo, fruto do trabalho interno de formação. Estes resultados não são tão dissemelhantes como se fazia supor, tendo em conta as dimensões distintas das duas entidades desportivas.

Se se adicionar, no clube de formação, os jovens jogadores provenientes de clubes de maior dimensão, portanto que sofreram de mobilidade descendente, aos jovens que provieram de clubes de um patamar semelhante ao clube alvo do estudo, verificamos que 73% dos jogadores movimentaram-se pela região! Estes números merecem uma análise em estudos posteriores. Provavelmente a existência de um clube com equipa profissional é uma das causas para justificar esta mobilidade. O investimento efectuado na formação não se encontra traduzido no sucesso desportivo onde apenas uma pequena parte efectua a passagem para a equipa senior.

Evidências disciplinares

Curiosamente, o clube de elite apresenta, para os mesmos escalões, um melhor comportamento disciplinar, o que contraria uma das nossas assunções iniciais de que o clube, quanto mais profissional ele fosse mais se aproximaria de comportamentos de risco a nível disciplinar e comportamental. Contudo vários autores confirmam a associação entre a atmosfera motivacional da equipa e o comportamento agressivo dos jovens atletas ([Stephens](#) & [Bredemeier](#), 1996), nomeadamente a influência dos outros significantes na moldura da atmosfera moral (Guivernau & Duda, 2002).

Orientação para a realização de objectivos

Foram observadas diferenças estatisticamente significativas em quatro itens: item 2 “aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais” ($t=2.285$, $p \leq 0.05$); item 5 “aprendo algo que me dá prazer fazer” ($t=1.590$, $p \leq 0,05$); item 9 “ganho

a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos ($t=1,345$, $p \leq 0.05$) e, por último o item 13 “faço o meu melhor” ($t=2.175$, $p \leq 0.05$).

Em relação ao TEOSQ, os jogadores da academia pontuaram significativamente superior em relação aos seus colegas, tanto nos itens que medem a orientação para a tarefa como para o ego.

Tabela 1. Estatística descritiva e t-teste para testar o efeito e nível do clube sobre os itens do TEOSQp.

		Orientação profissional n= 85		Formação n= 47		t	p
		Média	DP	Média	DP		
1	sou o único a executar as técnicas	1.31	.753	1.60	.814	-1.698	n.s.
2	aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais	4.65	.479	4.38	.779	2.285	*
3	consigo fazer melhor do que os meus colegas	2.60	1.484	2.52	1.411	.262	n.s.
4	os outros não conseguem fazer tão bem como eu	1.98	1.289	1.90	1.136	.297	n.s.
5	aprendo algo que me dá prazer fazer	4.74	.587	4.53	.862	1.590	*
6	os outros cometem erros e eu não	1.44	1.014	1.34	.639	.499	n.s.
7	aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante	4.47	.763	4.32	1.056	.802	n.s.
8	trabalho realmente bastante	4.43	.756	4.36	.826	.405	n.s.
9	ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos	2.48	1.276	2.10	1.081	1.345	*
10	algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais	4.62	.629	4.50	.508	.983	n.s.
11	sou o melhor	1.69	1.161	1.83	1.317	-.568	n.s.
12	sinto que uma técnica que aprendo está bem	3.80	1.310	3.86	1.014	-.192	n.s.
13	faço o meu melhor	4.85	.364	4.68	.471	2.175	*

n.s. (não significativo), * ($p \leq .05$)

Esta orientação para a tarefa é significativamente superior no clube de elite em relação ao clube de pendor claramente formativo, o que traduz uma tendência de compromisso individual com a prática no ambiente desportivo de formação, apesar de não se registarem, contudo, diferenças no padrão de respostas entre os dois grupos analisados. Diversos autores têm demonstrado repetidamente que as dimensões de orientação para a tarefa e para o ego são ortogonais no contexto desportivo ([Chi & Duda, 1995](#); [Roberts et al. 1996](#); [Duda & Whitehead, 1998](#)), uma vez que a maior

razão porque se procura realizar um objectivo é para demonstrar competência (Treasure, 2011).

Não é de descurar a possível relação entre os resultados pontuados da aplicação do TEOSQ nesta classe de jogadores e a presumível selecção de talentos baseada numa organização de recrutamento presumivelmente nacional. Os jogadores seleccionados podem possuir determinadas características que vão de encontro à filosofia do clube e de ascensão ao mundo competitivo.

A literatura demonstra existir uma propensão para uma maior orientação para o ego (Duda, 2011; Weiss & Ferrer-Caja, 2002), com os seus efeitos negativos (Treasure & Roberts, 1995) verificámos, no estudo, um desenvolvimento de habilidade auto-referenciada. Este percurso ascendente vindo de clubes localizados, na sua maioria, na mesma linha de enquadramento geográfico hipoteticamente carregam consigo valores de esforço na busca auto-determinada de objectivos, o que poderá explicar o processo de elitização.

Estas constatações encontram alguma dissonância e eventual paradoxo em autores como Nicholls (2001), Treasure et al. (2001) e Weiss e Ferrer-Caja (2002) que colocam o problema ao nível das condições das recompensas externas e o significado da comparação social criados pelo desporto de elite, numa actividade valorizada pelos adultos e de grande visibilidade (Roberts, 2001). Estes valores dominantes no desporto profissional, em especial, o futebol, surgem como marcantes na definição de perspectivas de sucesso do jovem praticante, visto que o perfil psicológico de prestação melhora com o nível de actuação e anos de experiência segundo o estudo de [Mahl](#) e [Raposo](#) (2007) em futebolistas no Brasil.

Atitudes face à prática desportiva

Com relação ao SAQ foram encontrados efeitos significativos tanto nos factores *compromisso* e *anti-desportivismo*, com os atletas da academia a apresentarem pontuações mais altas. Não foram encontrados efeitos nos factores *batota* e *convenção*.

Em relação ao primeiro caso, o item 1 “Vou a todos os treinos” ($t=2.606$, $p \leq 0.05$); item 6 “Dou sempre o meu melhor” ($t=2.080$, $p \leq 0.05$); item 8 “Cumprimento o treinador adversário” ($t=2.864$, $p \leq 0.05$) e item 15 “Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder” ($t=1.140$, $p \leq 0.05$).

Tabela 2. Estatística descritiva e t-teste para testar o efeito e nível do clube sobre o SAQp.

		Orientação profissional n= 85		Formação n= 47		t	p
		Média	DP	Média	DP		
1	Vou a todos os treinos	4.85	.523	4.57	.630	2.606	*
2	Às vezes perco tempo a perturbar os adversários	2.03	1.116	2.87	1.358	-3.219	*
3	Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar	2.53	1.592	2.26	1.570	.784	n.s.
4	Cumprimento os adversários após uma derrota	4.36	.987	4.30	1.102	.327	n.s.
5	Se os outros fazem batota penso que também o posso fazer	2.09	1.380	2,28	1.427	-.671	n.s.
6	Dou sempre o meu melhor	4.79	.412	4.57	.737	2.080	*
7	Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo	3.54	1.393	3.47	1.570	.224	*
8	Cumprimento o treinador adversário	4.10	1.127	3.34	1.434	2.864	*
9	Faço batota se ninguém der por isso	2.02	1.218	2.00	1.438	.054	n.s.
10	Por vezes tento enganar os meus adversários	3.63	1.275	2.85	1.540	2.642	*
11	Estou sempre a pensar em como melhorar	4.63	.673	4.59	.751	.305	n.s.
12	Felicito os meus adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho	3.95	1.300	4.14	1.134	-.710	n.s.
13	Por vezes é preciso fazer batota	2.52	1.501	2.53	1.562	-.039	n.s.
14	Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras	3.76	1.382	3.25	1.704	1.578	*
15	Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder	4.70	.540	4.56	.743	1.140	*
16	Não há problema em fazer batota se ninguém notar	1.95	1.294	2.25	1.545	-.989	n.s.
17	Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários	4.48	.789	4.42	1.052	.370	n.s.
18	Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco	2.00	1.338	2.44	1.375	-1.511	n.s.
19	Por vezes faço batota para obter vantagem	2.06	1.320	2.07	1.361	-.022	n.s.
20	É uma boa ideia irritar os adversários	2.83	1.476	2.76	1.542	.224	n.s.
21	Não desisto, mesmo depois de ter cometido erros	4.55	.840	4.49	.768	.390	n.s.
22	Depois de ganhar, cumprimento os meus adversários	4.61	.738	4.54	.840	.511	n.s.
23	Tento que os adversários decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade	3.95	1.263	3.19	1.674	2.340	*

n.s. (não significativo), * (p ≤ .05)

Por outro lado, relativamente aos itens de anti-desportivismo no desporto foram significativos os itens 2 “Às vezes perco tempo a perturbar os adversários” (t=-3.219, p ≤ 0.05); item 7 “Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo” (t=.224, p ≤ 0.05); o item 10 “Por vezes tento enganar os meus adversários” (t=2,642, p≤ 0.05); o item 14 “Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras” (t=1.578, p ≤ 0.05) e finalmente item 23

“Tento que os adversários decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade” ($t=2.340$, $p \leq 0.05$).

Estes factos evidenciam o impacto do ambiente e da sua orientação na criação de comportamentos morais adequados quando cruzamos os dados com as entrevistas realizadas. O acompanhamento que o clube de elite faz dos seus jogadores e a preocupação demonstrada pelos seus comportamentos a nível desportivo e social predispõe a um funcionamento moral e níveis superiores de raciocínio social ([Ommundsen et al. 2005](#); [Blake et al. 2005](#)), tendo em conta que a orientação para o ego tem sido associada a baixos níveis de funcionamento moral ([Kavussanu & Roberts, 2001](#); [Blake et al. 2005](#); [Sage et al. 2006](#); [Sage & Kavussanu, 2007](#)). Estes estudos usam metodologias estruturalistas, contudo, não estão salvaguardados os interesses desportivos quando essa ligação cessa numa fase de formação desportiva, ou os resultados imediatos dessa mesma política.

Pode-se especular que os valores estatisticamente significativos ocorridos no SAQ, o item 1 “Vou a todos os treinos $t=2.606$, $p \leq 0.05$), item 6” “Dou sempre o meu melhor” ($t=2.080$, $p \leq 0.05$) e o item 15 “Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder” ($t=1.140$, $p \leq 0.05$) que aludem a características relacionadas com o esforço e trabalho árduo ([Newton & Duda, 1993](#); [Roberts & Ommundsen, 1996](#); [Fry & Fry, 1999](#); [Duda, 2001](#)) se correlacionam com os valores intrínsecos de sucesso verificados no TEOSQ, nomeadamente, o item 2 “aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais” ($t=2.285$, $p \leq 0.05$) e o item 13 “faço o meu melhor” ($t=2.175$, $p \leq 0.05$) ligado a uma orientação para a tarefa na busca de realização de objectivos no desporto. Assim sendo, a análise conjunta dos dois questionários contribuem para a ideia de que a percepção de sucesso auto referenciada é dominante nos jovens do clube de elite ([Duda, 2001](#); [Pensgaard & Roberts, 2002](#)) e contribui para estados de envolvimento de maior realização no desporto. A identidade moral e as interacções entre a orientação para o ego e para a tarefa sugerem a influência destas variáveis no funcionamento pro-social e anti-social do desporto ([Sage, Kavussanu & Duda, 2006](#); [Sage & Kavussanu, 2007](#)), permanecendo inconclusiva a influência do treinador na criação de um clima que suporte tais objectivos de realização nos jovens desportistas.

Em relação aos resultados da ANOVA as tabelas estão apresentadas em anexo separadamente para os valores do TEOSQp (Tabela 3) e SAQp (Tabela 4). O efeito

do contexto de prática sobre a orientação para a realização de objectivos apresenta efeito estatisticamente significativo para o factor “orientação para a tarefa” ($F= 5,692$, $\text{sig}=0.01$, $p \leq 0.05$).

Tabela 3. Análise multivariada da variância (ANOVA) para testar o efeito do contexto de prática sobre as dimensões extraídas do TEOSQp

	Clube Profissional (n=85)		Clube de Formação (n=47)		F	Sig.
	Média	D.P.	Média	D.P.		
Orientação para a Tarefa	4,60	0,49	4,36	0,64	5,692	0,01
Orientação para o Ego	1,91	0,99	2,07	0,92	0,801	0,37

n.s. (não significativo), * ($p \leq .05$), ** ($p \leq .01$)

Dos factores veiculados pelo SAQ, apenas o factor “empenho” revela ser influenciável pela variável independente clube de prática desportiva ($F=6,197$, $\text{sig}=0.01$, $p \leq 0.05$). O estudo das atitudes nos efeitos do treino e da competição revela a interferência de variáveis ecológicas como o clube de prática na compreensão da realidade desportiva dos jovens. Contrariamente ao verificado na literatura (Van Yperen & Duda, 1999; Duda, 2001; Weiss & Ferrer-Caja, 2002), as dimensões socialmente negativas (ego, batota e anti-desportivismo) não apresentam diferenças estatisticamente significativas entre os dois clubes de orientação distinta o que pressupõe um nivelamento nas formas de comparação social e na definição das perspectivas de sucesso e uso de recompensas externas.

Tabela 4. Análise multivariada da variância (ANOVA) para testar o efeito do contexto de prática sobre as dimensões extraídas do SAQp

	Clube Profissional (n=85)		Clube de Formação (n=47)		F	Sig.
	Média	D.P.	Média	D.P.		
Batota	2,39	1,26	2,53	1,28	0,387	0,53
Anti-Desportivismo	3,12	1,05	2,94	1,15	0,843	0,36
Convenção com as regras	4,20	0,85	4,02	0,94	1,225	0,27
Empenho	4,68	0,45	4,46	0,56	6,197	0,01

Existe diferença significativa com relação à orientação para a tarefa e o empenho sendo que o clube de orientação profissional apresenta valores consistentemente mais elevados. Estes resultados são apoiados por alguma literatura que faz referência ao trabalho árduo e o esforço como percursos do sucesso (Duda, 2001, Ommundsen et al. 2003; Blake et al. 2005) e à importância dos outros significantes (Guivernau & Duda, 1992). Provavelmente, a filosofia do clube profissional, o acompanhamento e enquadramento desportivo e pedagógico e o clima vencedor com uma identidade forte traduzem os resultados verificados.

Existe uma certa concordância entre a opinião dos treinadores e os questionários administrados no que se refere à preocupação com o desenvolvimento pessoal do jovem jogador e o entendimento do esforço como precursor de sucesso. A percepção de competência é avaliada relativamente a mecanismos intrínsecos. O cruzamento das metodologias utilizadas provou ser importante na averiguação das diferentes ecologias de prática desportiva em clubes de natureza desportiva distinta.

CONCLUSÕES

Este estudo não se limita a descrever atitudes e orientações disposicionais dos atletas mas tenta lançar um olhar sobre as características de contexto como factores que podem influenciar as respostas dos jovens e marcar o compromisso do jovem na prática desportiva e prosseguimento de uma carreira.

Para o futuro será recomendável a inclusão da variável do clima motivacional percebido pelos atletas e o estudo da sua possível correlação com as atitudes que os jovens apresentam face ao desporto. O contexto de prática fomentado pelos treinadores nas suas relações com os jogadores e a importância que a sua conduta tem na percepção dos jovens relativamente ao treino constituem tópicos importantes no estudo do papel desempenhado pelos outros significantes no desenvolvimento pessoal e desportivo dos participantes nos vários níveis competitivos.

REFERÊNCIAS

1. Blake, W.M., Roberts, G.C. & Ommundsen, Y. (2005). Effect of perceived motivational climate on moral functioning, team moral atmosphere perceptions, and the legitimacy of intentionally injurious acts among competitive youth football players. *Psychology of Sport and Exercise*, 6, 4, 461-477.
2. Chi, L. & Duda, J.L. (1995). Multi-sample confirmatory factor analysis of the Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 66, 2, 91-98.
3. Coakley, J. & Hughes, R. (1984). Mass society and the commercialization of sport. *Sociology of Sport Journal*, 1, 1, 57-63.
4. Duda, J.L. (1989). Relationship between task and ego orientation and the perceived purpose of sport among high school athletes. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 11, 3, 318-335.
5. Duda, J.L. (1992). Motivation in Sport Settings: A Goal Perspective Approach. In Roberts GC (ed.). *Motivation in Sport and Exercise* (57-93). Champaign, Ill: Human Kinetics.
6. Duda, J.L. (1996). Maximizing Motivation in Sport and Physical Education among Children and Adolescents: The Case for Greater Task Involvement. *American Academy of Kinesiology and Physical Education*, 48, 290-302.
7. Duda, J.L. & Nicholls, J.G. (1992). Dimensions of Achievement Motivation in Schoolwork and Sport. *Journal of Educational Psychology*, 84 (3), 290-299.
8. Duda, J. & Whitehead, J. (1998). Measurements of goal perspectives in the physical domain". In Duda JL (ed.). *Advances in Sport and exercise psychology measurement* (pp. 21- 48). Morgantown, WV: Fitness Information Technology.
9. Fonseca, A. & Biddle, S. (1996). Estudo inicial para a adaptação dos Task and Ego Orientation in Sports Questionnaire (TEOSQ) à realidade Portuguesa. In Programa e Resumos da IV Conferência Internacional "Avaliação Psicológica:

- Forma e Contextos” e II Mostra de “Provas Psicológicas em Portugal”. Minho: Universidade do Minho.
10. Fry, M.D. & Fry, A.C. (1999). Goal Perspectives and Motivational Responses of Elite Junior Weightlifters. *The Journal of Strength and Conditioning Research*, 13, 4, 311–317.
 11. Gonçalves, C.E., Coelho e Silva, M., Chatzisarantis, N., Lee, M.J. & Cruz, J. (2006). Tradução e validação do SAQ (Sports Attitudes Questionnaire) para jovens praticantes desportivos portugueses com idades entre os 13 e os 16 anos. *Revista Portuguesa Ciências Desporto*, 6, 1. 38–49.
 12. Guivernau, M. & Duda, J.L. (2002) Moral Atmosphere and Athletic Aggressive Tendencies in Young Soccer Players. *Journal of Moral Education*, 31, 1: 67-85.
 13. Hanrahan, S.J. & Biddle, S.H. (2002). Measurement of achievement orientations: Psychometric measures, gender, and sport differences. *European Journal of Sport Sciences*, 2, 5, 1-12.
 14. Harwood, C., Hardy, L. & Swain, A. (2000). Achievement Goals in Sport: A Critique of Conceptual and Measurement Issues. *Journal of Sport & Exercise Psychology* 22 (3), 235-255.
 15. Kavussanu, M. & Roberts, G.C. (2001). Moral Functioning in Sport: An Achievement Goal Perspective. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 23, 1.
 16. Kleiber, D.A. & Roberts, G.C. (1981). The Effects of Sport Experience in the Development of Social Character: An Exploratory Investigation. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 3, 2.
 17. Lee, M.J. (1996). Young people, sport and ethics: an examination of fair play in youth sport. *Technical report to the Research Unit of the Sports Council*. Londres.
 18. Lee, M.J., Whitehead, J., Ntoumanis, N. & Hatzigeorgiadis, A. (2002). The effect of values, achievement goals and perceived ability on moral attitudes in youth sport. *Technical Report to the Economic and Social Research Council*. Londres;
 19. Mahl, A.C. & Raposo, J.V. (2007). Perfil psicológico de prestação de jogadores profissionais de futebol do Brasil. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 7, 1, 80-91.
 20. Newton, M. & Duda, J. (1993). “Elite adolescent athlete’s achievement goals and beliefs concerning success in tennis”. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 15, 437-448.
 21. Nicholls, J. (1984). Achievement motivation: Conceptions of ability, subjective experience, task choice, and performance. *Psychological Review*, 91, 328 – 346.
 22. Nicholls, J.G. (1989). The competitive ethos and democratic education. Cambridge, MA: Harvard Press.
 23. Nicholls, J.G. (1992). The General and the Specific in the Development and Expression of Achievement motivation. Roberts GC (ed.). In *Motivation in Sport and Exercise*. Champaign, Illinois: Human Kinetics.
 24. Nicholls, J.C. (2001). The General and the Specific in the Development and Expression of Achievement Motivation. Roberts GC (ed.). In *Advances in Sport and Exercise* (31-57). Champaign, Illinois: Human Kinetics.
 25. Ommundsen, Y., Roberts, G.C., Lemyre, P.N. & Miller, B.W. (2005). Peer relationships in adolescent competitive soccer: associations to perceived motivational climate, achievement goals and perfectionism. *Journal Sports Science*, 23, 9, 977-989.

26. Pensgaard, A.M. & Roberts, G.C. (2002). Elite athletes' experiences of the motivational climate: The coach matters. *Scand J Med Sci Sports*, 12 (1), 54–59.
27. Roberts, G.C. (2001). Understanding the Dynamics of Motivation in Physical Activity: The Influence of Achievement Goals on Motivational Processes. Roberts GC (ed.). In *Advances in Sport and Exercise* (1-5). Champaign, Illinois: Human Kinetics.
28. Roberts, G.C., Treasure, D.C. & Kavussanu, M. (1996). Orthogonality of achievement goals and its relationship to beliefs about success and satisfaction in sport. *Sport Psychologist*, 10, 4, 398-408.
29. Roberts, G.C. & Ommundsen, Y. (1996). Effect of goal orientation on achievement beliefs, cognition and strategies in team sport. *Scand J Med Sci Sports*, 6, 1, 46-56.
30. Sage, L., Kavussanu, M. & Duda, J. (2006). Goal orientations and moral identity as predictors of prosocial and antisocial functioning in male association football players. *Journal Sports Science*, 24, 5, 455-66.
31. Sage, L. & Kavussanu, M. (2007). The Effects of Goal Involvement on Moral Behaviour in an Experimentally Manipulated Competitive Setting. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 29, 2.
32. Stephens, D.E. & Bredemeier, B.J. (1996). Moral Atmosphere and Judgments about Aggression in Girls' Soccer: Relationships among Moral and Motivational Variables. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 18 (2), 158 – 173.
33. Treasure, D.C. (2001). Enhancing Young People's Motivation in Youth Sport: An Achievement Goal Approach. Roberts GC (ed.). In *Advances in Motivation in Sport and Exercise* (79-100). Champaign, Illinois: Human Kinetics.
34. Treasure, D.C., Duda, J.L., Hall, H.K., Roberts, G.C., Ames, C. & Maehr, M.L. (2001). Clarifying misconceptions and misrepresentations in achievement goal research in sport: A response to Harwood, Hardy, and Swain. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 23, 4, 317-329.
35. Treasure, D.C. & Roberts, G.C. (1995). "Achievement goals, motivational climate and achievement strategies and behaviors in Sport". *International Journal of Sport Psychology*, 26, 64 – 80.
36. Vallerand, R., Briere, N., Blanchard, C. & Provencher, P. (1997). Development and validation of the multidimensional sportspersonship orientations scale. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 16, 126-140.
37. Weiss, M. & Ferrer-Caja, E. (2002). Motivational Orientations and Sport Behavior. In Horn T (ed.). *Advances in Sport Psychology* (2ª Ed.) (101-162). Champaign, Illinois: Human Kinetics.